

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

JULHO DE 1865

Nº 7

Ária e Letra do Rei Henrique III

O *Grand Journal* de 4 de junho de 1865 relata o seguinte fato:

“Todos os editores e amantes da música de Paris conhecem o Sr. N. G. Bach, aluno de Zimmermann, primeiro prêmio de piano do Conservatório, no concurso de 1819, um dos nossos mais estimados e mais honrados professores de piano, bisneto do grande Sebastian Bach, cujo nome ilustre porta com dignidade.

“Informado por nosso amigo comum Sr. Dollingen, administrador do *Grand Journal*, de que o apartamento do Sr. N. G. Bach tinha sido teatro de um verdadeiro prodígio na noite de 5 de maio último, pedi a Dollingen que me levasse à casa do Sr. Bach, e fui acolhido no nº 8 da Rua Castellane com fina cortesia. Creio ser inútil acrescentar que foi depois de ter obtido autorização expressa do herói desta história maravilhosa que me permito contá-la aos meus leitores.

“No dia 4 de maio último, o Sr. Léon Bach, que é um curioso dublê de um artista, trouxe a meu pai uma espineta admiravelmente esculpida. Depois de longas e minuciosas pesquisas, o Sr. Bach descobriu, numa prancha interna, o inventário do instrumento; data do mês de abril de 1564 e foi fabricada em Roma.

“O Sr. Bach passou uma parte do dia na contemplação de sua preciosa espineta. Ao deitar-se pensava nela e, quando o sono vinha cerrar-lhe as pálpebras, ainda pensava no instrumento.

“Não é, pois de admirar que tenha tido o seguinte sonho:

“No mais profundo de seu sono, o Sr. Bach viu aparecer à cabeceira do leito um homem com longa barba, sapatos arredondados na ponta e com grandes laços em cima, um calção muito grande, um gibão de mangas justas com aberturas no alto, um grande colarinho e com um chapéu pontudo e de abas largas.

“Essa personagem curvou-se diante do Sr. Bach e narrou o seguinte:

“A espineta que possuí me pertenceu. Muitas vezes me serviu para distrair meu senhor, o rei Henrique III. Quando ele era muito jovem, compôs uma ária com letra, que gostava de cantar e que eu lhe tocava muitas vezes. Ele compôs a ária e a letra em lembrança de uma mulher que encontrou numa caçada e pela qual se apaixonou. Afastaram-na dele; diz-se que foi envenenada e o rei sofreu uma grande dor. Toda vez que estava triste cantarolava esta *romanzá*²². Então, para o distrair eu tocava em minha espineta uma sarabanda de minha composição, que ele apreciava muito. Assim eu associava sempre esses dois trechos e não deixava de tocar um após o outro. Vou fazer-te ouvi-los:

22 N. do T.: Grifo nosso.

“Então o homem do sonho aproximou-se da espineta, deu alguns acordes e cantou a ária com tanta expressão que o Sr. Bach acordou em pranto. Acendeu uma vela, olhou a hora, constatou que eram duas da madrugada e não tardou a dormir novamente.

“É aqui que começa o extraordinário.

“Pela manhã, ao despertar, o Sr. Bach ficou muito surpreso ao encontrar sobre a cama uma página de música, preenchida com uma escrita muito fina e notas microscópicas. Foi com dificuldade que o Sr. Bach, auxiliado pelo binóculo, já que é bastante míope, conseguiu reconhecer-se em meio a esses rabiscos.

“Um instante depois, o neto de Sebastian sentou ao piano e decifrou o trecho. A romança, a letra e a sarabanda estavam exatamente conformes às que o homem do sonho lhe fizera ouvir durante o sono!

“Ora, o Sr. Bach não é sonâmbulo; jamais escreveu um único verso em sua vida e as regras da versificação lhe são completamente estranhas.

“Eis o refrão e as três quadras tais quais as copiamos do manuscrito. Conservamos a sua ortografia que, diga-se de passagem, de modo algum é familiar ao Sr. Bach.

Perdi aquela
 Por quem tanto amor nutria;
 Ela é tão bela
 Tinha por mim cada dia
 Novo favor
 De anseio ter.
 Sem ela, oh! dor,
 Quero morrer!

Numa caçada longe, ainda matina,
 Eu a avistei pela primeira vez,
 Imaginei um anjo na campina,
 Então senti-me o mais feliz dos reis.

Daria, sim, meu reino para revê-la
Ainda que fosse por um breve instante;
Numa cabana humilde ao lado dela
Para sentir meu coração pulsante.

Enclausurada e triste, oh! minha linda,
Últimos dias seus longe de mim.
Ela não sente mais que a pena é finda;
E quanto a mim, ai, ai! sofrendo assim.

Nesta canção lamentosa, como na sarabanda alegre, que a segue, a ortografia musical não é menos arcaica que a ortografia literária. As *claves* são feitas de modo diverso daquelas dos nossos dias. O baixo é escrito num tom e o canto em outro. O Sr. Bach teve a delicadeza de me fazer ouvir os dois trechos, que são de uma melodia simples, ingênua e penetrante. Aliás, nossos leitores não tardarão a poder julgá-los com conhecimento de causa. Estão nas mãos dos grandes gravadores e aparecerão no correr desta semana no editor Legouix, no Boulevard Poissonière, nº 27.

“O jornal da *Estoile* nos informa que o rei Henrique III teve uma grande paixão por Maria de Clèves, marquesa de Isles, morta na flor da idade, numa abadia, no dia 15 de outubro de 1574. Não seria ‘a pobre, bela e triste enclausurada’ a que aludem os versos? O mesmo jornal também nos diz que um músico italiano, chamado Baltazarini, veio à França nessa época e foi um dos favoritos do rei. Teria a espineta pertencido a Baltazarini? Foi o Espírito deste quem escreveu a romança e a sarabanda? – Mistério que não ousamos aprofundar.”

Albéric Second

Depois da letra, o *Grand Journal* inseriu a música, que lamentamos não poder reproduzir aqui; mas como atualmente se acha à venda, será fácil aos amadores adquiri-la. (Ver as notas bibliográficas).

O Sr. Albéric Second termina o seu relato por estas palavras:

“Mistério que não ousamos aprofundar!” E por que não o ousais? Eis um fato cuja autenticidade vos é demonstrada, como vós mesmo reconheceis, e, porque diz respeito à vida misteriosa de além-túmulo, não ousais pesquisar-lhe a causa! Tremeis ao olhá-la de frente! Então, mau grado vosso, temeis os fantasmas ou receais adquirir a prova de que nem tudo acaba com a vida do corpo? É verdade que para um céptico, que nada vê e em nada crê além do presente, essa causa é muito difícil de encontrar. Entretanto, por isto mesmo, porque o fato é mais estranho e parece afastar-se das leis conhecidas, deve tanto mais fazer refletir, pelo menos despertar a curiosidade. Dir-se-ia realmente que certas pessoas têm medo de ver muito claro, porque teriam de convencer-se de que se enganaram. Vejamos, contudo, as deduções que todo homem sério pode tirar deste fato, abstração feita de qualquer idéia espírita.

O Sr. Bach recebe um instrumento, cuja antiguidade constata, o que lhe causa grande satisfação. Preocupado com esta idéia, é natural que esta lhe provoque um sonho; vê um homem em costumes da época, tocando aquele instrumento e cantando uma ária da época; a rigor, nada aí que não possa ser atribuído à imaginação superexcitada pela emoção e pela lembrança da véspera, sobretudo num músico. Mas aqui o fenômeno se complica; a ária e a letra não podem ser uma reminiscência, pois os Sr. Bach não as conhecia. Quem, então, lhas revelou, se o homem que lhe apareceu não passa de um ser fantástico, sem vitalidade? Que a imaginação sobreexcitada faça reviver na memória coisas esquecidas, compreende-se; mas teria o poder de nos dar idéias novas? de nos ensinar coisas que não sabemos? que jamais soubemos? com as quais jamais nos ocupamos? Aí estaria um fato gravíssimo e que valeria a pena ser examinado, porquanto seria a

prova de que o Espírito age, percebe e concebe independentemente da matéria. Passemos por cima, se se quiser. Estas considerações são de uma ordem tão elevada e tão abstrata que nem a todos é dado perscrutá-las, nem mesmo de sobre elas deter o pensamento.

Vamos ao fato mais material, o mais positivo, o dessa música escrita com a letra. Seria um produto da imaginação? A coisa aí está, palpável, sob os olhos. É aqui que se faz indispensável um exame escrupuloso das circunstâncias. Para não nos lançarmos no campo das hipóteses, digamos, antes de ir mais longe, que o Sr. Bach, que não tínhamos a honra de conhecer, deu-se ao trabalho de nos vir ver e submeter o original da peça em questão. Assim, pudemos colher de seus lábios todos os ensinamentos necessários para esclarecer nossa opinião, ao mesmo tempo que ele retificava nalguns pontos o relato do jornal.

Tudo se passou no sonho exatamente como está indicado; mas não foi na mesma noite que o papel foi trazido. No dia seguinte o Sr. Bach procurava lembrar-se da ária que tinha ouvido; pôs-se à espineta e conseguiu compor a música, embora imperfeitamente. Cerca de três semanas depois, o mesmo indivíduo lhe apareceu novamente; desta vez, cantou a música e a letra e disse que ia dar-lhe um meio para as fixar na memória. Foi então que, ao despertar, encontrou o papel na cama. Tendo-se levantado, decifrou a ária no seu instrumento e reconheceu que era mesmo a que tinha ouvido, bem como a letra, das quais só lhe havia restado uma lembrança confusa.

Reconheceu também o papel, por lhe pertencer; era uma folha dupla de papel de música comum, sobre uma das faces do qual ele havia escrito, pessoalmente, várias coisas. Esse papel, como muitos outros, estava numa secretária fechada, posta num outro aposento da casa. Assim, seria preciso que alguém o tivesse tirado de lá para colocá-lo na cama, enquanto ele dormia. Ora, em

casa dele, ninguém do seu conhecimento poderia tê-lo feito. Quem poderia ter sido? Eis o mistério terrível, que o Sr. Albéric Second não ousa aprofundar.

Foi na face em branco da folha que ele encontrou a ária, composta *segundo o método e os sinais do tempo*. As palavras são escritas com extrema precisão, cada sílaba colocada exatamente sob a nota correspondente. O todo está escrito a lápis. A escrita é muito fina, mas muito clara e muito legível; a forma das letras é característica: é a que se vê nos manuscritos da época.

O Sr. Bach não era céptico, nem materialista e, ainda menos, ateu; mas, como muita gente, pertencia à numerosa classe dos indiferentes, muito pouca preocupada com as questões filosóficas. Só conhecia o Espiritismo de nome. Aquilo que acabava de testemunhar despertou sua atenção; longe de não ousar aprofundar o mistério, disse de si para si: aprofundemo-lo. Leu obras espíritas, começou a perceber e foi com o objetivo de ter mais amplas informações que nos honrou com sua visita. Hoje o fato não tem mais mistérios para ele e lhe parece muito natural; além disso, está muito feliz com a fé e os novos conhecimentos que a circunstância lhe permitiu adquirir. Eis o que ganhou.

Sabe perfeitamente que nem a música, nem a letra, podiam vir dele; não duvidava que lhe tivessem sido ditadas pela personagem que lhe havia aparecido; mas se perguntava quem as tinha podido escrever, ou se não poderia ter sido ele mesmo em estado sonambúlico, conquanto jamais tivesse sido sonâmbulo. A coisa era possível, mas, admitindo-a, apenas provava melhor a independência da alma, como todos os fatos desse gênero, tão curiosos e tão numerosos e com os quais, no entanto, a Ciência jamais se preocupou. Uma particularidade parece destruir esta opinião, a de que a escrita não guarda nenhuma relação com a do Sr. Bach; seria preciso, no estado sonambúlico, que ele mudasse sua

letra habitual para tomar a do século dezesseis, o que não é presumível. Seria brincadeira de alguém de sua casa? Mas, admitindo tal intenção, ele tem certeza de que ninguém tinha os conhecimentos necessários para a executar. Ora, se ele, que sonhara, tinha apenas uma lembrança insuficiente para transcrever a letra e a música, como uma pessoa estranha se teria recordado melhor? O cuidado com o qual a coisa estava escrita teria, aliás, exigido muito tempo e requerido uma grande habilidade prática.

Outro ponto importante a esclarecer era o fato histórico dessa primeira paixão do rei, a que nenhuma história faz menção, e que lhe teria inspirado esse cântico melancólico. Tendo o filho do Sr. Bach se dirigido a um de seus amigos adido à biblioteca imperial, a fim de saber se existiria algum documento a respeito, foi-lhe respondido que, se o existisse, só poderia ser no jornal da *Estoile*, que se publicava na época. Pesquisas feitas imediatamente levaram à descoberta da passagem acima relatada. A mãe de Henrique III, temendo o domínio que aquela mulher, de um espírito superior, pudesse exercer sobre o seu filho, a fez enclausurar e depois matar. O rei não se conformou com essa perda, da qual conservou profunda magoa durante a toda a vida. Não é singular que esse canto relate precisamente um fato ignorado de todos e, por conseguinte, do Sr. Bach, e que mais tarde se ache confirmado por um documento da época, escondido numa biblioteca? Esta circunstância tem uma importância capital, pois prova de maneira irrecusável que a letra não pode ser uma composição do Sr. Bach, nem de nenhuma pessoa da casa. Toda suposição de fraude cai diante desse fato material.

Só o Espiritismo podia dar a chave desse fato, pelo conhecimento da lei que rege as relações do mundo corporal com o mundo espiritual. Aí nada existe de maravilhoso nem de sobrenatural. Todo o mistério está na existência do mundo invisível, composto das almas que viveram na Terra, e que não

interrompem suas relações com os sobreviventes. Mostrei a alguém, ignorante de eletricidade, que se pode corresponder a duzentas léguas em alguns minutos, e isto lhe parecerá miraculoso; explicai a lei da eletricidade e ele achará a coisa muito natural. Dá-se o mesmo com todos os fenômenos espíritas.

Numa sessão da Sociedade Espírita de Paris, à qual assistia o Sr. Bach, o Espírito que lhe havia aparecido deu as explicações seguintes sobre o fato que acabamos de relatar.

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de junho de 1865 – Médiun: Sr. Morin)

P. – [Ao guia espiritual do médium]. Podemos chamar o Espírito que se manifestou ao Sr. Bach?

Resp. – Meu filho, a grave questão que levou a essa manifestação espontânea é muito natural. Deve ser resolvida esta noite, a fim de não deixar qualquer dúvida sobre a maneira pela qual a música foi feita. O Espírito está aí e responderá muito claramente às perguntas que lhe forem dirigidas.

P. – [Ao Espírito que se manifestou ao Sr. Bach]. Já que quisestes vir até nós, antecipando-se ao nosso apelo, nós vos seremos reconhecidos se nos derdes a explicação do fenômeno que se produziu por vossa intervenção. Também desejaríamos saber por que o Sr. Bach foi escolhido de preferência para esta manifestação e que participação teve na produção do fenômeno?

Resp. – Agradeço a benevolência com que me acolheis entre vós. Compreendo a importância que dais a esse fato, que, entretanto, não vos deve espantar, já que esse gênero de manifestação é hoje quase geral e conhecido por muita gente.

Inicialmente, respondo à vossa primeira pergunta. O Sr. Bach foi escolhido por duas razões: a primeira é a simpatia que me une a ele; a segunda é toda no interesse da Doutrina Espírita. Situado como está no mundo, sua idade, sua longa carreira tão honradamente exercida, suas relações com a imprensa e o mundo

erudito, dele fizeram o melhor instrumento para dar publicidade a fatos que, até hoje, só eram impressos em jornais espíritas. Já vos disseram muitas vezes que era chegado o dia em que o Espiritismo, conquistando imunidade em toda parte onde há raciocínio, lógica e bom-senso, seria aceito mesmo nos jornais que o denegriam.

Quanto à segunda questão: sim, tendes razão de procurar saber, a fim de não serdes vítimas de equívocos. O transporte – pois é um transporte – foi feito e dele participa o Espírito, que sou eu, e o Sr. Bach, no sonho puro e só em relação com os Espíritos.

Nota – Esta última frase tem sua explicação no artigo adiante, sobre os sonhos.

Eu trouxe ao Sr. Bach o papel de música, que obtive numa peça vizinha de seu quarto, e então a música foi escrita pelo próprio Espírito Bach, que se serviu de seu corpo como meio de transmissão. Eu escrevi a letra, que conhecia. A obra assim feita pode ser considerada como complemento espiritual, visto como o Sr. Bach, em seu sonho, estava quase que completamente desmaterializado.

P. – Qualquer pessoa dotada de mediunidade teria servido nesta circunstância?

Resp. – Não, certamente, porque se o Sr. Bach não tivesse reunido todas as qualidades requeridas, é provável que nem ele nem eu tivéssemos sido escolhidos para essa propagação.

P. – Como se serviu o Sr. Bach de seu corpo para escrever a música? Tê-lo-ia feito em estado de sonambulismo?

Resp. – Eu disse que ele se tinha servido de seu corpo como meio de transmissão, porque seu Espírito ainda está encarnado e não pode agir como Espírito desencarnado. O Espírito encarnado só pode servir-se de seus membros, e não do

seu perispírito, pois é o mesmo perispírito que mantém o Espírito ligado ao corpo.

P. – Podeis dizer quem compôs a letra?

Resp. – Se tivesse sido eu, minha grande dose de orgulho lhe guardaria a honra. Mas não; expliquei-me claramente, dizendo: “Escrevi a letra, que conhecia.” Essa letra, assim como a música, são, realmente, como vos foi dito, composição e inspiração própria de meu então senhor, o rei Henrique.

P. – Seria indiscrição pedir que nos esclarecêsseis sobre a vossa personalidade e nos dissêsseis o que éreis sob Henrique III?

Resp. – Nunca há indiscrição, desde que esteja em jogo um ensinamento moral. Responderei que, tendo partido de minha terra, que era Florença, vim à França e fui introduzido na corte por uma princesa que, tendo-me ouvido cantar, quis agradar ao delfim, pois que ainda o era, fazendo que ouvisse o pobre trovador. O prazer foi tão vivo que resolveram pôr-me à sua disposição, e eu fiquei muito tempo junto a ele a título de músico, mas, na realidade, como amigo; porque ele me quis muito e eu lhe fiz bem. Tendo morrido antes dele, adquiri então a certeza de seu apego a mim, pelo pesar que sentiu com a minha perda. Meu nome foi pronunciado aqui: eu era Baltazarini.

A Sra. Delanne, que assistia à sessão, recebia pela audição respostas idênticas às que eram dadas ao Sr. Morin. No dia seguinte, em sua casa, ela escreveu a comunicação seguinte, que confirma e completa a de Baltazarini.

“Quando é chegada a hora, Deus se serve de todos os meios para fazer penetrar a ciência divina em todas as classes da sociedade. Seja qual for a opinião que se professe em relação às idéias novas, cada um deve servir à causa, ainda que à sua revelia, no meio onde está colocado. Tendo o Espírito Bach vivido sob Henrique III, e tendo sido ligado à pessoa do rei, como amigo

íntimo, gostava apaixonadamente de ouvir esses versos e, sobretudo, a música. Preferia a espineta aos outros instrumentos; é por isso que o Espírito que lhe apareceu, e que é mesmo o de Baltazarini, serviu-se desse instrumento, a fim de trazer o Espírito Bach à época em que vivia e lhe mostrar, bem como à Ciência, que a doutrina da reencarnação é confirmada todos os dias por novas provas. O fato da música só teria sido insuficiente para forçar o Sr. Bach a buscar a luz imediatamente. Precisava de um fenômeno do qual não se pudesse dar conta por si mesmo, uma participação completamente inconsciente. Ele devia preconizar a doutrina, contando o fato presente, procurando esclarecer-se quanto à maneira pela qual se tinha produzido, pedindo a todas as inteligências que com ele e de boa-fé buscassem a verdade. Por sua idade respeitável, sua honrosa posição, sua reputação no mundo e na imprensa literária, é uma das primeiras balizas plantadas no mundo rebelde, porque não se pode suspeitar de sua boa-fé, nem o tratar como louco, como não se pode negar a autenticidade da manifestação.

Aliás, ficai convencidos de que tudo isto tinha sua razão de ser. Vedes que a imprensa absteve-se de comentários e, contudo, o artigo foi produzido por um não-crente, um gracejador da Ciência que, só ela, pode dar uma explicação racional do fato mencionado. Deus tem seus desígnios; lança a semente divina no coração quando o julga conveniente. Esse fato terá mais repercussão do que supondes; trabalhai sempre em silêncio e esperai com confiança.

Nós vos temos dito muitas vezes: não vos inquieteis. Deus saberá suscitar no tempo e no lugar homens e fatos que virão levantar os obstáculos e vos confirmar que as bases da doutrina receberam sua sanção pelo Espírito de Verdade. O Espiritismo cresce e se desenvolve; os galhos da árvore abençoada e gigantesca já se estendem por todas as partes do globo. Diariamente o Espiritismo ganha novos adeptos em todas as classes e novas falanges vêm engrossar as fileiras dos desencarnados. Quanto mais

diffíceis se tornarem os vossos trabalhos, tanto maior será a assistência dos Espíritos bons.

São Bento

Gontran, Vencedor das Corridas de Chantilly

O fato seguinte, bem como o da romança de Henrique III, que acabamos de relatar, é igualmente tirado do *Grand Journal*, de 4 de junho de 1865, no qual não forma, com o precedente, senão um só e mesmo artigo, assinado por *Albéric Second*.

“Os que nos dão a honra de nos ler sabem, não há dúvida, que professamos um cepticismo radical a respeito do Espiritismo, dos espíritas e dos médiuns. – Mostrai-nos os fatos, dizíamos aos que se esforçavam por nos converter às suas teorias e às suas doutrinas. E considerando que não nos davam nenhuma prova concludente, persistimos na negação e na zombaria.

“Antes de mais, quem assina estas crônicas é um escritor de boa-fé; assim, julga-se obrigado a não pôr a luz sob o alqueire. Que tirem do seu relato as ilações que quiserem, não é problema seu. Semelhante a um presidente de tribunal, vai limitar-se a reproduzir os fatos num rápido resumo, imparcial, deixando aos leitores o trabalho de pronunciar um veredicto à vontade.”

Depois deste preâmbulo, que é o de um homem leal, como seria de desejar que fossem todos os nossos antagonistas, narra o autor, na forma espirituosa que lhe é familiar, que um de seus amigos, achando-se em casa de um médium, perguntou se um Espírito poderia designar qual seria o vencedor das próximas corridas de Chantilly. O médium que é, ao que se diz, uma camponesa recentemente vinda das montanhas do Jura, o que vale

dizer pouco letrada e pouco afeita aos hábitos do esporte, tendo evocado o Espírito de um dos nossos mais célebres desportistas, obteve pelas batidas a designação das letras, formando o nome de *Gontran*.

“Existe, pois, perguntou o Sr. Albéric Second, um cavalo com este nome entre os concorrentes inscritos? – A bem da verdade, nada sei, respondeu seu amigo; mas se o houver, podeis contar que é nele que apostarei.

“Ora, domingo último era 28 de maio. O *Derby* de Chantilly foi corrido nesse dia e o vencedor foi *Gontran*, da coudelaria do major Fridolin (pseudônimo hípico dos Srs. Charles Laffitte e Nivière).

“Os fatos que acabo de relatar são conhecidos de grande número de pessoas no mundo da Bolsa. O Sr. Émile T. foi amplamente recompensado pelo resultado de sua confiança absoluta nas predições da camponesa do Jura, e os seus amigos que partilharam sua fé igualmente tiveram bom lucro. – E dizer que vosso servo perdeu uma tão rara ocasião de ganhar, com toda certeza e sem esforço, 1000 ou 1500 luízes, que teriam sido bem-vindos! Não é muita estupidez?”

Fatos desta natureza não são os que melhor servem à causa do Espiritismo; primeiro, porque são muito raros e, em segundo lugar, porque falseariam o seu espírito, fazendo crer que a mediunidade é um meio de adivinhação. Se tal idéia fosse plausível, ver-se-ia uma multidão de indivíduos consultando os Espíritos, como se consultam as cartas, e os médiuns seriam transformados em ledores de buena-dicha. É então que se teria razão de invocar contra eles a lei de Moisés, que fere de anátema “os adivinhos, os encantadores e os que têm o espírito de Píton.” É para evitar esse grave inconveniente, que seria muito prejudicial à doutrina, que sempre nos levantamos contra a mediunidade exploradora.

Não repetiremos o que foi dito cem vezes e largamente desenvolvido, sobre a perturbação que acarretaria o conhecimento do futuro, oculto ao homem pela sabedoria divina; o Espiritismo não está destinado a fazê-lo conhecer; os Espíritos vêm para nos tornar melhores e não para no-lo revelar ou nos indicar os meios de ganhar dinheiro *com toda certeza* e sem esforço, como diz o herói da aventura, ou ocupar-se dos nossos interesses materiais, colocados pela Providência sob a salvaguarda de nossa inteligência, de nossa prudência, de nossa razão e de nossa atividade. Assim, todos os que, *de desígnio premeditado*, julgarem encontrar no Espiritismo um novo elemento de especulação, *a qualquer título*, equivocam-se; as mistificações ridículas e, por vezes, a ruína em vez da fortuna, têm sido o fruto de seu engano. Eis o que todos os espíritas sérios devem esforçar-se em propagar, se querem servir utilmente à causa. Temos dito sempre aos que sonharam com fortunas colossais pelo concurso dos Espíritos, sob o especioso pretexto de que a sensação que tal acontecimento produziria, tornaria todo mundo crente; que, se tivessem êxito, desfeririam um golpe funesto na doutrina, excitando a cupidez em vez do amor ao bem. É por isto que as tentativas desse gênero, encorajadas por Espíritos mistificadores, sempre foram seguidas de decepções.

Há alguns anos, alguém nos escrevia de Hamburgo, porque, tendo perdido no jogo e se achando sem recursos para partir, teve a idéia de dirigir-se a um Espírito, que lhe indicou um número, no qual pôs o seu último florim, ganhou e saiu da dificuldade. A pessoa nos convidava a publicar o fato na *Revista*, como prova da intervenção dos Espíritos. Supondo a ação de um Espírito em tal circunstância, ela não via a severa lição que lhe era dada, pelo próprio fato de que lhe forneciam os meios de ir-se embora e que a tirara de um mau passo. Na verdade era conhecer-nos muito pouco, ou nos supor bastante leviano para nos julgar capaz de preconizar semelhante fato como meio de propaganda, pois esta teria sido feita em nome das casas de jogo, e não do Espiritismo. Teria sido realmente curioso ver-nos fazer a apologia

dos Espíritos que favorecem os jogadores e, particularmente, o roubo, porque, ganhar *com toda certeza*, seja com cartas marcadas, seja por uma *indicação* qualquer é uma verdadeira fraude.

Um indivíduo que não era espírita – apressemo-nos em dizê-lo – mas que absolutamente não negava a intervenção dos Espíritos, um dia veio fazer-nos uma proposta singular. Disse ele:

“As casas de jogo são profundamente imorais; o meio de as suprimir é provar que se pode lutar seguramente contra elas. Encontrei uma nova combinação, um meio infalível de fazê-las explodir todas. Quando se virem arruinadas e impossibilitadas de resistir, serão forçadas a fechar e o mundo estará livre dessa chaga, que é o roubo organizado. Mas para isto é preciso certo capital que, oh! estou longe de possuir. Não poderíeis indicar, por meio dos Espíritos, alguém a quem me possa dirigir com segurança? Imaginai o efeito que isto produzirá, quando se souber que é pelos Espíritos que tão grande resultado é obtido! Quem está livre de crer nisto? Os mais incrédulos, os mais obstinados deverão render-se à evidência. Como vedes, meu objetivo é muito moral e eu não me aborreceria se na ocasião tivesse o conselho dos Espíritos sobre a minha combinação.”

– Sem consultar os Espíritos, posso facilmente vos dar a opinião deles. Eis o que eles vos responderiam: “Achais que o ganho nas bancas de jogo é ilícito e que é um roubo organizado. Para remediar o mal quereis, por um meio infalível, apoderar-vos desse dinheiro mal-adquirido; em outros termos, quereis roubar o ladrão, o que não é mais moral. Temos outro meio de chegar ao resultado que propondes: em vez de fazer ganharem os jogadores, arruiná-los o mais possível, a fim de os desencorajar. Os desastres causados por esta paixão fizeram fechar mais casas de jogo do que poderiam fazê-lo os jogadores mais felizes. É o excesso do mal que faz abrir os olhos e conduz a reformas salutares, nisto como em todas as coisas. Quanto a propagar a crença no Espiritismo, temos

igualmente meios mais eficazes e, sobretudo, mais morais: é o bem que ele faz, as consolações que proporciona e a coragem que dá nas aflições. Assim, diríamos a todos os que tomam a peito o progresso da doutrina: Quereis servir utilmente à causa? fazer uma propaganda realmente proveitosa? Mostrai que o Espiritismo vos tornou melhores; fazei que em vos vendo transformados, cada um possa dizer: Eis os milagres desta crença; é, pois, uma boa coisa. Mas, se ao lado de uma profissão de fé de crentes, vos virem sempre viciosos, ambiciosos, odientos, cúpidos, invejosos ou debochados, dareis razão aos que perguntam para que serve o Espiritismo. A verdadeira propaganda de uma doutrina essencialmente moral se faz tocando o coração, e não visando a bolsa. Eis por que favorecemos a uns e frustramos os cálculos de outros.”

Voltemos a Gontran. Os casos de previsão desse gênero, embora tendo exemplos, são, todavia, muito raros e podem ser encarados como excepcionais; aliás são *sempre* fortuitos e *jamaiz* o resultado de um cálculo premeditado. Quando ocorrem, devem ser aceitos como fatos isolados; mas bem louco e imprudente seria quem se fiasse em sua realização.

Não se deve confundir estas espécies de revelações com as previsões que por vezes dão os Espíritos dos grandes acontecimentos futuros, sobre cuja realização podem nos fazer pressentir no interesse geral. Isto tem sua utilidade para nos manter alerta e nos exortar a marchar no bom caminho. Mas as predições em dia certo, ou com excessivo caráter de precisão, devem ser tidas sempre por suspeitas.

No caso em tela, o pequeno fato tinha a sua utilidade; era o meio, talvez o único, de chamar a atenção de certas pessoas para a idéia dos Espíritos e sua intervenção no mundo, muito mais que para um fato sério; isto é preciso para todos os caracteres. Nesse número, alguns simplesmente terão dito: “É singular!” mas

outros terão querido aprofundar a coisa e a terão encarado pelo lado sério e verdadeiramente útil. Ainda que houvesse apenas um em dez, seriam outros tantos elementos de ganho e de propaganda à causa. Quanto aos demais, a idéia semeada em seu espírito germinará mais tarde.

Relatando o fato, já que mereceu grande publicidade, quisemos ressaltar as suas conseqüências; mas não o teríamos feito sem comentários e a título de simples anedota. O Espiritismo é uma mina inesgotável de assuntos de observação e de estudo por suas inumeráveis aplicações.

Diz o autor do artigo no preâmbulo: “Mostrai-nos fatos.” Por certo ele imagina que os Espíritos obedecem a ordens e que os fenômenos são obtidos à vontade, como as experiências num laboratório ou como os truques de escamoteação. Ora, não é assim que acontece. Aquele que quer fenômenos não deve pedir que lhos tragam, mas procurá-los, observá-los e aceitar os que se apresentam. Esses fenômenos são de duas naturezas: os que são produto dos médiuns propriamente ditos e que, até certo ponto, podem ser provocados, e os fenômenos espontâneos. Estes últimos têm, para os incrédulos, a vantagem de não serem suspeitos de preparação; são numerosos e se apresentam sob uma variedade infinita de aspectos, tais como: aparições, visões, pressentimentos, dupla vista, ruídos insólitos, algazarra, perturbações, obsessões, etc. O caso do Sr. Bach pertence a esta categoria e o de Gontran à primeira. Para quantos queiram convencer-se seriamente, os fatos não faltam e aquele que os pede talvez os tenha testemunhado mais de uma vez sem o suspeitar; erra, porém, a maioria por querer fatos à sua maneira, a hora marcada, e não se contentar com os que a Providência põe sob os nossos olhos. A incerteza da obtenção desses fenômenos e a impossibilidade de os provocar à vontade são provas de sua realidade, porque se fossem produto do charlatanismo ou de meios fraudulentos, jamais faltariam. O que falta a certas pessoas não são fatos, mas paciência e vontade de buscar e estudar os que se apresentam.

Teoria dos Sonhos

É realmente estranho que um fenômeno tão vulgar quanto o dos sonhos tenha sido objeto de tanta indiferença da parte da Ciência, e que ainda se esteja a perguntar a causa dessas visões. Dizer que são produtos da imaginação não é resolver a questão; é uma dessas palavras com o auxílio da qual querem explicar o que não compreendem e que nada explicam. Em todo o caso, a imaginação é um produto do entendimento. Ora, como não se pode admitir entendimento nem imaginação na matéria bruta, é preciso que se creia que a alma nisto entra em alguma coisa. Se os sonhos ainda são um mistério para a Ciência, é que ela se obstinou em fechar os olhos para a causa espiritual.

Procura-se a alma nos refolhos do cérebro, enquanto ela se ergue a cada instante à nossa frente, livre e independente, numa imensidão de fenômenos inexplicáveis tão-só pelas leis da matéria, notadamente nos sonhos, no sonambulismo natural e artificial e na dupla vista a distância; não nos fenômenos raros, excepcionais, sutis, que exigem pacientes pesquisas do sábio e do filósofo, mas nos mais vulgares; lá está ela, parecendo dizer: Olhai e me vereis; estou aos vossos olhos e não me vedes; vistes-me muitas e muitas vezes; vedes-me todos os dias; até as crianças me vêem; o sábio e o ignorante, o homem de gênio e o idiota me vêem, e não me reconheceis.

Mas há pessoas que parecem ter medo de olhá-la de frente, e de adquirir a prova de sua existência. Quanto aos que a procuram de boa-fé, até hoje lhes faltou a única chave com a qual a teriam reconhecido. Esta chave o Espiritismo acaba de dar pela lei que rege as relações entre o mundo corporal e o mundo espiritual. Auxiliado por esta lei e pelas observações sobre que se apóia, ele dá dos sonhos a mais lógica explicação jamais fornecida; demonstra que o sonho, o sonambulismo, o êxtase, a dupla vista, o pressentimento, a intuição do futuro, a penetração do pensamento

não passam de variantes e de graus de um mesmo princípio: a emancipação da alma, mais ou menos desprendida da matéria.

Em relação aos sonhos, dá ele conta precisa de todas as variedades que apresentam? Não, ainda não; possuímos o princípio, e já é muito; os que podemos explicar por-nos-ão no caminho dos outros; sem dúvida ainda nos faltam alguns conhecimentos, que adquiriremos mais tarde. Não há uma única ciência que, de um salto, tenha desenvolvido todas as suas conseqüências e aplicações; elas não poderão completar-se senão por observações sucessivas. Ora, nascido ontem, o Espiritismo está como a Química nas mãos dos Lavoisier e dos Berthollet, seus primeiros criadores; estes descobriram as leis fundamentais. As primeiras balizas fincadas puseram na via de novas descobertas.

Entre os sonhos uns há que têm um caráter de tal modo positivo que, racionalmente, não poderiam ser atribuídos apenas a um jogo da imaginação; tais são aqueles nos quais se adquire, ao despertar, a prova da realidade do que se viu, e em que absolutamente não se pensava. Os mais difíceis de explicar são os que nos apresentam imagens incoerentes, fantásticas, sem realidade aparente. Um estudo mais aprofundado do singular fenômeno das criações fluídicas sem dúvida nos porá no caminho.

Esperando, eis uma teoria que parece avançar um passo na questão. Não a damos como absoluta, mas como fundada na lógica e podendo ser objeto de estudo. Ela nos foi dada por um dos nossos melhores médiuns, em estado de sonambulismo muito lúcido, por ocasião do fato seguinte:

Instado pela mãe de uma jovem a lhe dar notícias da filha, que estava em Lyon, ele a viu deitada e adormecida, e descreveu com exatidão o apartamento em que se achava. Essa jovem, de dezesseis anos, era médium escrevente; a mãe perguntou se ela tinha aptidão para tornar-se médium vidente. Esperai, disse o sonâmbulo, é preciso que eu siga o rasto de seu Espírito, que

neste momento não está no corpo. Ela está aqui, na villa Ségur, na sala onde estamos, atraída pelo vosso pensamento; ela vos vê e vos escuta. Para ela é um sonho, do qual não se recordará ao despertar.

Pode-se, acrescenta ele, dividir os sonhos em três categorias, caracterizadas pelo grau da lembrança que resta no estado de desprendimento no qual se acha o Espírito. São:

1^o – Os sonhos provocados pela ação da matéria e dos sentidos sobre o Espírito, isto é, aqueles em que o organismo representa um papel preponderante pela união mais íntima entre o corpo e o Espírito. Deles nos lembramos claramente e, por pouco desenvolvida que seja a memória, conservamos uma impressão durável.

2^o – Os sonhos que podem ser chamados *mistos*. Participam ao mesmo tempo da matéria e do Espírito. O desprendimento é mais completo. Deles nos lembramos ao acordar, para os esquecer quase que instantaneamente, a menos que alguma particularidade venha despertar a sua lembrança.

3^o – Os sonhos *etéreos* ou puramente *espírituais*. São produzidos apenas pelo Espírito, que está desprendido da matéria, tanto quanto o pode estar durante a vida do corpo. Deles não nos recordamos; ou, se restasse uma vaga lembrança do que sonhamos, nenhuma circunstância poderia trazer à memória os incidentes do sono.

O sonho atual dessa jovem pertence à terceira categoria. Ela não se lembrará dele. Foi conduzida aqui por um Espírito muito conhecido do mundo espírita lionês e, mesmo, do mundo espírita europeu (o sonâmbulo-médium descreve o Espírito Cárita). Ele a trouxe com o objetivo de que ela conserve, se não uma lembrança precisa, um pressentimento do bem que se pode haurir de uma crença firme, pura e santa, e do bem que se pode fazer aos outros, fazendo-o a si mesmo.

Ela diz à mãe que, caso se lembrasse tão bem em seu estado normal quanto se lembra agora de suas encarnações precedentes, não demoraria muito tempo no estado estacionário em que está, pois vê claramente e pode avançar sem hesitação, ao passo que no estado ordinário temos uma venda sobre os olhos. Ela diz aos assistentes: “Obrigado por vos terdes ocupado de mim.” Depois beija sua mãe. Como é feliz! acrescenta o médium, terminando, como é feliz com este sonho, do qual não se lembrará, mas que, nem por isso, deixará de lhe causar uma impressão salutar! São esses sonhos inconscientes que proporcionam essas sensações indefiníveis de contentamento e felicidade, de que não nos damos conta, e que são um antegozo daquilo de que desfrutam os Espíritos felizes.

Deduz-se daí que o Espírito encarnado pode sofrer transformações que modificam suas aptidões. Um fato que talvez não tenha sido suficientemente observado vem em apoio da teoria acima. Sabe-se que o esquecimento ao acordar é um dos caracteres do sonambulismo. Ora, do primeiro grau de lucidez o Espírito passa, por vezes, a um grau mais elevado, *que é diferente do êxtase*, e no qual adquire novas idéias e percepções mais sutis. Saindo deste segundo grau para entrar no primeiro, não se lembrará do que disse, nem do que viu; depois, passando deste grau para o estado de vigília, há um novo esquecimento. Uma coisa a notar é que há lembrança do grau superior ao grau inferior, enquanto há esquecimento do grau inferior para o superior.

É, pois, bem evidente que entre os dois estados sonambúlicos de que acabamos de falar, passa-se algo análogo ao que ocorre entre o estado de vigília e o primeiro grau de lucidez; que o que se passa influi sobre as faculdades e as aptidões do Espírito. Dir-se-ia que do estado de vigília ao primeiro grau o Espírito é despojado de um véu; que do primeiro ao segundo grau é despojado de um segundo véu. Não mais existindo esses véus nos graus superiores, o Espírito vê o que está abaixo e se lembra;

descendo a escala, os véus se refazem sucessivamente e lhe ocultam o que está acima, fazendo que deles perca a lembrança. Às vezes a vontade do magnetizador pode dissipar esse véu *fluidico* e restituir a lembrança.

Como se vê, há uma grande analogia entre esses dois estados sonambúlicos e as diversas categorias de sonhos descritos acima. Parece-nos mais que provável que, num caso e noutro, o Espírito se ache numa situação idêntica. A cada degrau que sobe, eleva-se acima de uma camada de névoa; sua visão e suas percepções são mais claras.

Questões e Problemas

CURA MORAL DOS ENCARNADOS

Muitas vezes vemos Espíritos de natureza má cederem muito prontamente sob a influência da moralização e se melhorarem. Podemos agir do mesmo modo sobre os encarnados, mais com muito mais trabalho. Por que a educação moral dos Espíritos desencarnados é mais fácil que a dos encarnados?

Esta pergunta foi motivada pelo seguinte fato. Um rapaz, cego há doze anos, tinha sido recolhido por um espírita devotado, empenhado em curá-lo pelo magnetismo, pois os Espíritos haviam dito que a cura era possível. Mas o rapaz, em vez de se mostrar reconhecido pela bondade de que era objeto, e sem a qual teria ficado sem asilo e sem pão, só teve ingratidão e mau procedimento, dando provas do pior caráter.

Consultado a respeito, respondeu o Espírito São Luís:

“Como muitos outros, esse jovem é punido por onde pecou e suporta a pena de sua má conduta. Sua enfermidade não é incurável, e uma magnetização espiritual, praticada com zelo,

devotamento e perseverança, certamente teria êxito, auxiliada por um tratamento médico destinado a corrigir seu sangue viciado. Já haveria uma sensível melhora em sua visão, que ainda não está completamente extinta, se os maus fluidos de que está cercado e saturado não opusessem um obstáculo à penetração dos bons fluidos que, de certo modo, são repelidos. No estado em que se encontra, a ação magnética será impotente, enquanto não se desembaraçar, por sua vontade e sua melhoria, desses fluidos perniciosos.

“É, pois, uma cura moral que se deve obter, antes de buscar a cura física. Só um retorno sério sobre si mesmo poderá tornar eficazes os cuidados de seu magnetizador, que os Espíritos bons se desvelarão em secundar. Caso contrário, deve-se esperar que perca o pouco de luz que lhe resta e que sofra novas e mais terríveis provações.

“Agi, pois, sobre ele como fazeis com os Espíritos maus desencarnados, que quereis reconduzir ao bem. Ele não está sob a ação de uma obsessão: é sua natureza que é má e, além disso, perverteu-se no meio onde viveu. Os Espíritos maus que o assediam só são atraídos pela similitude existente entre eles; à medida que se melhorar, eles se afastarão. Só então a ação magnética terá toda a sua eficácia. Dai-lhe conselhos; explicai-lhe sua posição; que várias pessoas sinceras se unam em pensamento para orar, a fim de atrair para ele influências salutares. Se as aproveitar, não tardará a lhes experimentar os bons efeitos, pois será recompensado por um mais sensível na sua posição.”

Esta instrução nos revela um fato importante, o do obstáculo oposto pelo estado moral, em certos casos, à cura dos males físicos. A explicação acima é de uma lógica incontestável, mas não poderia ser compreendida pelos que só vêem em toda parte a ação exclusiva da matéria. No caso em tela, a cura moral do paciente encontrou sérias dificuldades; foi o que motivou a pergunta acima, proposta na Sociedade Espírita de Paris.

Foram obtidas seis respostas, todas concordando perfeitamente entre si. Citaremos apenas duas, para evitar repetições inúteis. Escolhemos aquelas em que a questão é tratada com mais desenvolvimento.

I

Como o Espírito desencarnado vê manifestamente o que se passa e os exemplos terríveis da vida, compreende com tanto mais rapidez o que o estimula a crer ou a fazer. Esta a razão por que não é raro vermos Espíritos desencarnados dissertarem sabiamente sobre questões que, em vida, estavam longe de os comover.

A adversidade amadurece o pensamento. Esta expressão é verdadeira sobretudo para os Espíritos desencarnados, que vêm de perto as conseqüências de sua vida passada.

A negligência e o preconceito, ao contrário, triunfam nos Espíritos encarnados; as seduções da vida e, mesmo, os seus desenganos, dão-lhes uma misantropia ou uma completa indiferença pelos homens e pelas coisas divinas. A carne lhes faz esquecer o Espírito; uns, essencialmente honestos, fazem o bem evitando o mal, por amor do bem, mas a vida de sua alma é quase nula; outros, ao contrário, consideram a vida como uma comédia e esquecem seu papel de homens; outros, enfim, completamente embrutecidos e no último degrau da espécie humana, nada vendo além, não pressentindo mesmo nada, entregam-se, como animais, aos crimes bárbaros e esquecem sua origem.

Assim, uns e outros, pela própria vida, são arrastados, ao passo que os Espíritos desencarnados vêm, escutam e se arrependem com mais boa vontade.

Lamennais (Médium: Sr. A. Didier)

II

Quantos problemas e questões a resolver antes que seja realizada a transformação humanitária conforme as idéias espíritas! a da educação dos Espíritos encarnados, do ponto de vista moral, está neste número. Os desencarnados estão desembaraçados dos laços da carne e não mais lhe sofrem as condições inferiores, ao passo que os homens, acorrentados numa matéria imperiosa do ponto de vista pessoal, se deixam arrastar pelo estado das provas no qual estão mergulhados. É em razão da diferença entre as diversas situações que se deve atribuir a dificuldade que experimentam os Espíritos iniciadores e os homens encarregados de melhorarem rapidamente e em algumas semanas, as criaturas que lhes são confiadas. Os Espíritos, ao contrário, aos quais a matéria já não opõe suas leis, nem mais fornece meios de satisfazer seus maus apetites e que, por conseguinte, não têm mais desejos insaciáveis, são mais aptos a aceitar os conselhos que lhes são dados. Talvez respondam com esta pergunta, que tem sua importância: Por que não ouvem os conselhos de seus guias do espaço e esperam os ensinamentos dos homens? Porque é necessário que os dois mundos, visível e invisível, reajam um sobre o outro e que a ação dos humanos seja útil aos que viveram, como a ação da maior parte destes é benéfica aos que vivem entre vós. É uma dupla corrente, uma dupla ação, igualmente satisfatória para esses dois mundos, que estão unidos por tantos laços.

Eis o que julgo dever responder à pergunta levantada por vosso presidente.

Erasto (Médium: Sr. d'Ambel)

SOBRE A MORTE DOS ESPÍRITAS

Desde algum tempo a morte tem levado bem grande número de espíritas fervorosos e dedicados, cujo concurso podia ter sido útil à causa. Qual a conseqüência a tirar deste fato?

Esta pergunta foi motivada pela morte recente do Sr. Geoffroy, de Saint-Jean d'Angely, membro honorário da Sociedade Espírita de Paris.

(Sociedade de Paris, 26 de maio de 1865 – Médiun: Sra. B...)

Como acaba de dizer o vosso presidente, um grande número de adeptos de nossa bela doutrina deixou o vosso mundo ultimamente. Não os lamenteis; depois de haverem feito os primeiros sulcos nesse campo que ides arrotear, foram repousar algumas horas, a fim de se prepararem para um novo trabalho; foram retemperar sua alma viril nessa fonte de vida e de progresso que, cada vez mais, deve derramar em vossa Terra suas ondas benfazejas. Em breve, novos atletas surgirão em campo com novas forças e uma caridade mais perfeita. Porque a alma que entreviu os esplendores da eterna verdade não pode recuar; mas, fiel à atração divina que a quer aproximar do foco da justiça, da ciência e do amor, segue seu caminho sem mais se desviar.

Oh! meus amigos, como é bela esta morada que vos está preparada! Tornai-vos dignos dela o quanto antes; libertai-vos, pois, dessas susceptibilidades indignas, que muitas vezes ainda se encontram em vosso meio; são resquícios das raízes do orgulho, tão difíceis de extirpar do vosso mundo e, contudo, foi para o destruir que o Cristo veio entre vós; porque enquanto ele subsistir entre os humanos, estes não poderão alcançar a felicidade.

Meus amigos, há dezoito séculos que vos pregam a admirável doutrina do Cristo, e ela ainda não foi compreendida; mas o Espiritismo, vindo vos ensinar a desenvolver vossas faculdades intelectuais e a lhes dar uma boa direção, abre uma era nova em que se preencherá a lacuna que existia no ensino primitivo.

Assim, estudai de maneira séria e digna de tão grave assunto; mas, sobretudo, modificai o que há em vós de imperfeito, porque o mestre diz a todos: “Tornai-vos perfeitos, como perfeito

é vosso pai celestial.” Então vossa alma depurada se elevará gloriosa para as esplêndidas regiões onde o mal não tem mais acesso e onde tudo é harmonia.

São Luís

Estudos Morais

A COMUNA DE KOENIGSFELD, MUNDO FUTURO EM MINIATURA

Lê-se no *Galneur de Colmar*:

“A comuna de Koenigsfeld, perto de Villingen, na Floresta Negra, conta cerca de 400 habitantes e forma um estado modelo em miniatura. Há cinqüenta anos, data da existência dessa comuna, jamais aconteceu a um habitante qualquer se envolver com a polícia; nunca houve casos de delitos ou de crimes; durante cinqüenta anos jamais houve hasta pública ou nasceu um filho natural. Nunca foi aberto um processo nessa comuna. Também ali não se encontram mendigos.”

Tendo sido lida na Sociedade de Paris, esta interessante nota deu motivo à seguinte comunicação espontânea:

“É belo ver a virtude num centro restrito e pobre; lá todos se conhecem, todos se vêem e a caridade é simples e grande. Não é o exemplo mais impressionante da solidariedade universal essa pequena comuna? Não é em menor escala o que um dia será o resultado da verdadeira caridade, quando esta for praticada por todos os homens? Tudo está aí, espíritas: a caridade, a tolerância. Entre vós, a não ser o socorro ao infortúnio, que é praticado, as relações inteligentes, isentas de inveja, de ciúme e de dureza, o são sempre.”

Lamennais (Médium: Sr. A. Didier)

Qual a causa da maior parte dos males da Terra, senão o contato incessante dos homens maus e perversos? O egoísmo mata a benevolência, a condescendência, a indulgência, o devotamento, a afeição desinteressada e todas as qualidades que fazem o encanto e a segurança das relações sociais. Numa sociedade de egoístas não há segurança para ninguém, porque cada um, apenas buscando o próprio interesse, sacrifica sem escrúpulo o do vizinho. Muitas criaturas se julgam perfeitamente honestas, porque incapazes de assassinar e de roubar nas estradas; mas será que aquele que, por cupidez e severidade, causa a ruína de um indivíduo e o impele ao suicídio, reduzindo toda uma família à miséria, ao desespero, não é pior que um assassino e um ladrão? Assassina em fogo brando; e porque a lei não o condena e os semelhantes aplaudem sua maneira de agir e sua habilidade, crê-se isento de censuras e marcha de frente erguida! Assim os homens estão sempre desconfiados uns dos outros; sua vida é uma ansiedade perpétua; se não temem o ferro, nem o veneno, são alvo das chicanas, da inveja, do ciúme, da calúnia, numa palavra, do assassinato moral. Que seria preciso fazer para cessar esse estado de coisas? Praticar a caridade. Tudo está aí, como diz Lamennais.

A comuna de Koenigsfeld oferece-nos em miniatura o que será o mundo quando for regenerado. O que é possível em pequena escala sê-lo-á em grande? Duvidar disto seria negar o progresso. Dia virá em que os homens, vencidos pelos males gerados pelo egoísmo, compreenderão que seguem caminho errado, e quer Deus que eles o aprendam à própria custa, porque lhes deu o livre-arbítrio. O excesso do mal lhes fará sentir a necessidade do bem e eles se voltarão para este lado, como para a única âncora de salvação. Quem os levará a isto? A fé séria no futuro, e não a crença no nada depois da morte; a confiança num Deus bom e misericordioso, e não o temor dos suplícios eternos.

Tudo está submetido à lei do progresso; os mundos também progridem, física e moralmente; mas se a transformação da Humanidade deve esperar o resultado da melhora individual, se

nenhuma causa vier acelerar essa transformação, quantos séculos, quantos milhares de anos não serão ainda precisos? Tendo a Terra chegado a uma de suas fases progressivas basta não mais permitir aos Espíritos atrasados de aqui reencarnarem, de modo que, à medida que se forem extinguindo, Espíritos mais adiantados venham tomar o lugar dos que partem, para que em uma ou duas gerações o caráter geral da Humanidade seja mudado.

Suponhamos, pois, que em vez de Espíritos egoístas, a Humanidade seja, num dado tempo, formada de Espíritos imbuídos de sentimentos de caridade: em vez de buscarem prejudicar-se, eles se ajudarão mutuamente, viverão felizes e em paz. Não mais ambição de povo a povo e, portanto, não mais guerras; não mais soberanos governando ao seu bel-prazer, a justiça em vez do arbítrio, portanto não mais revoluções; não mais os fortes esmagando ou explorando o fraco; equidade *voluntária* em todas as transações, portanto não mais querelas e chicanas. Tal será o estado do mundo depois de sua transformação. De um mundo de expiação e de provas, de um lugar de exílio para os Espíritos imperfeitos, tornar-se-á um mundo feliz, um local de repouso para os Espíritos bons; de um mundo de punição, será um mundo de recompensa.

A comuna de Koenigsfeld compõe-se incontestavelmente de Espíritos adiantados, ao menos moralmente, se não cientificamente, e que praticam entre si a lei de caridade e de amor ao próximo; esses Espíritos se reúnem por simpatia nesse recanto bendito da Terra para aí viver em paz, esperando que o possam fazer em toda a sua superfície. Suponhamos que alguns Espíritos trapalhões, egoístas e maus aí venham encarnar-se; em breve semearão a perturbação e a confusão; ver-se-ia restabelecer-se, como alhures, as querelas, os processos, os delitos e os crimes. Assim seria o estado da Terra, depois de sua transformação, se Deus a abrisse ao acesso dos Espíritos maus. Progredindo a Terra, aí estariam deslocados e por isso irão expiar seu endurecimento e burilar sua educação moral em mundos menos adiantados.

Variedades

MANIFESTAÇÕES ESPONTÂNEAS DIVERSAS

Uma carta de um dos nossos correspondentes contém o seguinte relato:

...Começo por uma recordação de minha infância, que jamais esqueci, embora remonte a uma época já bem afastada.

Em 1819 ou 1820, falou-se muito em Saumur de uma aparição a um oficial da guarnição da cidade. Aquele oficial, hospedado na casa de uma família distinta, deitou-se pela manhã para repousar de uma noite insone. Algumas horas depois, abrindo os olhos, percebeu uma sombra no quarto, vestida de branco. Julgando uma brincadeira de um de seus camaradas, levantou-se para ir ao brincalhão. A sombra recuou à sua frente, deslizou para alcova e desapareceu. A porta, que ele havia fechado para não ser incomodado, ainda estava fechada, e uma mocinha da casa, doente há algum tempo, acabava de morrer naquele mesmo instante.

O fato, que resvala no Espiritismo, lembrou a um de seus camaradas, Sr. de R..., tenente de cavalaria, um sonho extraordinário que tivera há muito tempo e que então deu a conhecer.

Estando na guarnição de Versalhes, o Sr. R... sonhou que via um homem cortando a garganta e recolhendo o sangue num vaso. Levantou-se às cinco horas da manhã, muito preocupado com o sonho e dirigiu-se ao quartel de cavalaria; estava em serviço. Seguindo uma rua ainda deserta, percebeu um grupo de pessoas examinando algo com muita atenção. Aproximou-se e soube que um homem acabava de se matar e, coisa extraordinária, disseram-lhe que tinha feito correr o sangue numa tina, cortando o pescoço. O Sr. de R... reconheceu nas feições desse homem aquele mesmo que tinha visto durante a noite, no sonho.

Eu só soube desses fatos por ouvir dizer, e não conheci nenhum dos oficiais. Eis outros, que me são quase pessoais:

Minha mãe era uma mulher de uma piedade verdadeira e esclarecida, que na maioria das vezes só se manifestava por uma ardente caridade, como o ordena o Espiritismo, mas sem qualquer caráter supersticioso e impressionável. Muitas vezes me contou esta lembrança de sua juventude. Quando moça, tinha uma amiga muito doente, ao lado da qual passava parte das noites, para lhe prestar cuidados. Uma noite em que caía de fadiga, o pai da doente insistiu para que fosse repousar, prometendo-lhe que se a filha piorasse iria preveni-la. Minha mãe cedeu e deitou-se, depois de ter trancado bem o quarto. Cerca de duas horas da manhã foi despertada pelo contato de dois dedos gelados sobre o ombro. Ficou vivamente impressionada e não conseguiu mais dormir. Então se vestiu para ir à sua querida doente, e já ia abrir a sua porta quando bateram na porta da casa. Era um empregado que vinha comunicar-lhe a morte de sua amiga, que acabava de expirar.

Certo dia do ano de 1851 eu percorria a galeria de quadros e retratos da família do magnífico castelo de C..., conduzido pelo Dr. B..., que tinha sido médico da família. Parei algum tempo em frente ao retrato de um homem de quarenta e poucos anos, vestido, tanto quanto posso lembrar, com um costume azul, colete listrado de vermelho e preto e calças cinzentas. O Sr. B... se aproximou de mim e disse: “Eis como vi o conde de C..., quinze dias depois de sua morte.” Pedi uma explicação e eis o que me foi respondido: “Certa noite, na bruma, mais ou menos quinze dias depois da morte do Sr. de C..., eu saía do quarto da senhora condessa. Para sair, eu devia seguir um longo corredor, no qual se abria a porta do gabinete do Sr. de C... Quando cheguei em frente daquela porta, ela se abriu e o Sr. de C... saiu, avançou para mim e marchou ao meu lado até a porta de saída.

O Sr. de B... atribuiu o fato a uma alucinação. Mas, em todo o caso, ela se teria prolongado muito, porque penso que no fim do corredor havia outra peça a atravessar antes da saída.

Enfim, eis um fato que me é inteiramente pessoal.

Em 1829, creio, em Hagueneau, na Alsácia, eu era encarregado da direção de uma enfermaria de convalescentes, que nos enviava a numerosa guarnição de Strasburgo, então muito atacada por febres intermitentes. No número dos doentes eu tinha um jovem tocador de tambor que, todas as noites, depois de meia-noite, sentia alguém deslizar em seu leito, agarrá-lo e morder-lhe o peito à altura da mama esquerda. Os seus camaradas de quarto me disseram que nos últimos oito dias eram despertados por seus gritos; que ao se aproximarem dele o encontravam agitado, apavorado e só podiam acalmá-lo depois de explorar com a ponta do sabre e constatar que não havia ninguém, nem debaixo da cama, nem nas cercanias. Encontrei o jovem soldado com o peito um tanto inchado e doloroso do lado esquerdo, e então atribuí seu estado à ação desta causa física sobre a sua imaginação; mas o efeito só se produzia por alguns instantes em cada vinte e quatro horas. Produziu-se ainda algumas vezes, depois não mais ouvi falar do caso...

Observação – Sabe-se quão numerosos são os fatos desse gênero; o Espiritismo os admite, porque lhes dá a única explicação racional possível. Por certo haverá, nesse número, alguns que, a rigor, poderiam ser atribuídos ao que se convencionou chamar de alucinação, ou a uma preocupação do Espírito; mas já não poderia ser assim quando são seguidos de uma ação material. São tanto mais importantes quanto mais reconhecida sua autenticidade, e não podem, como dissemos num artigo precedente, ser levados à conta de habilidades.

Dissertações Espíritas

O CARDEAL WISEMAN

O *Patrie* de 18 de março de 1865 relatava o seguinte:

“O cardeal Wiseman, que acaba de morrer na Inglaterra, acreditava no Espiritismo. É o que prova o fato seguinte, citado pelo *Spiritualist magazine*.

“Um bispo tinha interditado a atuação de dois membros de sua Igreja, por causa de sua tendência ao Espiritismo. O cardeal suspendeu essa interdição e permitiu que os dois sacerdotes prosseguissem seus estudos e servissem como médiuns, dizendo-lhes: ‘Eu mesmo creio firmemente no Espiritismo, e não poderia ser um bom membro da Igreja se tivesse a menor dúvida a respeito’.”

Este artigo tinha sido lido e comentado numa reunião espírita em casa do Sr. Delanne, mas hesitavam em fazer a evocação do cardeal quando este se manifestou espontaneamente pelas duas comunicações seguintes:

I

Vosso desejo de me evocar me trouxe a vós e estou contente por vir dizer-vos, meus irmãos bem-amados, que na Terra eu era, sim, um espírita convicto. Tinha vindo com essas aspirações, que não pudera desenvolver, mas me sentia feliz por vê-las desenvolvidas por outros. Eu era espírita porque o Espiritismo é o caminho reto que conduz ao verdadeiro objetivo e à perfeição; eu era espírita porque reconhecia no Espiritismo a realização de todas as profecias, desde o começo do mundo até os nossos dias; eu era espírita porque esta doutrina é o desenvolvimento da religião, o esclarecimento dos mistérios e a marcha da Humanidade inteira para Deus, que é a unidade; eu era espírita porque compreendi que

esta revelação vinha de Deus e que todos os homens sérios deviam ajudar sua marcha, a fim de um dia todos poderem se dar as mãos socorristas; enfim eu era espírita porque o Espiritismo não lança anátema sobre ninguém e que, a exemplo do Cristo, nosso divino modelo, estende os braços a todos, sem distinção de classes e de culto. Eis por que eu era espírita cristão.

Ó meus irmãos bem-amados! que graça imensa concede o Senhor aos homens em lhes enviando esta luz divina, que lhes abre os olhos e lhes faz ver de maneira irrecusável que além do túmulo existe mesmo uma outra vida e que, em vez de temer a morte, quando se viveu segundo os desígnios de Deus, deve-se abençoá-la quando vem libertar um de nós das pesadas cadeias da matéria.

Sim, essa vida, que se prega constantemente de maneira tão assustadora, existe; mas nada tem de penosa para as almas que, na Terra, observaram as leis do Senhor. Sim, lá se encontram aqueles a quem amamos na Terra; é a mãe bem-amada, uma terna mãe que vos vem felicitar e receber; são amigos que vos vêm ajudar a vos reconhecerdes em vossa verdadeira pátria, e que vos mostram todos os encantos da vida verdadeira, em relação aos quais os da Terra não passam de tristes imagens.

Perseverai, meus irmãos bem-amados, em marchar na via abençoada do Espiritismo; que para vós ele não seja uma palavra vã; que as manifestações que recebeis vos ajudem a subir o rude calvário da vida, a fim de que, chegados ao cume, possais colher os frutos de vida que vos tiverdes preparado.

É o que desejo a vós todos, que me escutais, e a todos os meus irmãos em Deus. Aquele que foi o cardeal Wiseman.

(Médium: Sra. Delanne)

II

Meus amigos, por que eu não viria a vós? Os sentimentos expressos quando eu estava em vossa Terra e que devem ser os de todos os servos de Deus e da verdade, devem ser para todo espírita convicto a garantia de que usarei da graça que o Senhor me concede, de vir instruir e guiar meus irmãos.

Oh! sim, meus amigos, é com satisfação e reconhecimento por aquele a quem tudo devemos, que vos venho exortar, vós que tendes a felicidade de ser admitidos entre os Obreiros do Senhor, de perseverar na via em que estais empenhados; se não é a única, pelo menos é a melhor, porque se uma parte da Humanidade pode alcançar a sua salvação com a fé cega, sem cair nas ciladas e nos perigos que ela oferece, com mais forte razão aqueles cuja fé tem por base a razão e o amor de Deus, que vos fazemos conhecer tal qual é, devem chegar a conquistar a vida eterna no seio desse mesmo Deus.

Filhos, inclinai-vos, curvai a cabeça, porque o vosso Deus, vosso pai, vos abençoa. Glorificai-o e amai-o na eternidade!

Oremos juntos.

*Wiseman, assistido por Santo Agostinho
(Médium: Sr. Erambert, de Aix)*

Estas duas comunicações foram ditadas simultaneamente, o que explica a assistência de Santo Agostinho na última. Enquanto Wiseman fazia um dos médiuns escrever, Santo Agostinho fazia escrever o outro, ao qual transmitia o pensamento do cardeal. Muitas vezes vêem-se Espíritos pouco adiantados, ou ainda perturbados, que não podem exprimir-se sem a ajuda de um Espírito mais elevado; mas aqui não é o caso: Wiseman é bastante desprendido para exprimir suas próprias idéias.

As duas comunicações a seguir foram obtidas no dia 24 de março, na Sociedade de Paris, sem evocação, após a leitura das precedentes. A quarta é uma apreciação dos fatos acima, pelo Espírito Lamennais:

III

Meus amigos: venho confirmar minha comunicação de segunda-feira. Estou feliz por vir a um meio onde teria muito a dizer e onde estou certo de ser compreendido. Oh! sim, será uma grande felicidade para mim ver desenvolver-se, sob os olhos do mestre, os progressos da doutrina santa e regeneradora, que deve conduzir o mundo inteiro a seu destino divino.

Amigos, uni vossos esforços na obra que nos é confiada e sede reconhecidos pelo papel que o Criador de todas as coisas vos conferiu. Jamais poderíeis fazer bastante para reconhecer a graça que ele vos concede; mas ele levará em conta a vossa boa vontade, a vossa fé, a vossa caridade e o vosso amor pelos vossos irmãos. Bendizei-o, amai-o, e tereis a vida eterna.

Oremos juntos, meus caros amigos.

Wiseman

(Médium: Sr. Erambert, de Aix)

IV

A religião espiritualista – é preciso não esquecer – é a alma do Cristianismo. Em meio do materialismo, do culto protestante e católico, o cardeal Wiseman ousou proclamar a alma antes do corpo, o espírito antes da letra. Esses tipos de audácia são raros nos dois cleros e, com efeito, é um espetáculo insólito o ato de fé do cardeal Wiseman. Aliás, seria estranho que um Espírito tão culto, tão elevado quanto o do eminente cardeal tivesse visto no Espiritismo uma fé rebelde aos ensinamentos da mais pura moral cristã;

nós, espíritas, nunca aplaudiríamos bastante a essa confiança afastada de todo respeito humano, de todo escrúpulo mundano. Não é um encorajamento a voz de um agonizante tão distinto? Não é um aviso para o futuro? Uma promessa de que, com a boa vontade tão pregada pelo Evangelho, só há uma verdade contida na prática da caridade e na crença na imortalidade da alma? Outras vozes não menos sagradas proclamam diariamente nossa verdade imortal. É um *hosana* sublime que cantam os homens visitados pelo Espírito, *hosana* tão puro, tão entusiasta quanto o das almas visitadas por Jesus.

Nós mesmos, almas em sofrimento, não afastamos de nós a lembrança que nos chega, e no purgatório que padecemos, escutemos as vozes dos que nos fazem ver o além.

Lamennais

(*Médium: Sr. A. Didier*)

Notas Bibliográficas

O Que é o Espiritismo?, por Allan Kardec. Nova edição revista e consideravelmente aumentada. In-12, com quase 200 páginas. Preço: 1 fr.; pelo correio: 1 fr. 20c.

As matérias desta nova edição estão assim divididas:

Capítulo I: *Pequena Conferência*. Primeiro diálogo: *o crítico*. Segundo diálogo: *o céptico*. – Espiritismo e Espiritualismo. – Dissidências. – Fenômenos espíritas simulados. – Impotência dos detratores. – O maravilhoso e o sobrenatural. – Oposição da Ciência. – Falsas explicações dos fenômenos. – Não basta que os incrédulos vejam para que se convençam. – Origem das idéias espíritas modernas. – Meios de comunicação. – Médiuns interesseiros. – Médiuns e feiticeiros. – Diversidade dos Espíritos.

– Utilidade prática das manifestações. – Loucura, suicídio, obsessão. – Esquecimento do passado. – Elementos de convicção. – Sociedade Espírita de Paris. – Interdição do Espiritismo. – Terceiro diálogo: *O Padre*. Objeções em nome da religião.

Capítulo II: *Noções elementares de Espiritismo*. – Espíritos. – Comunicação com o mundo invisível. – Fim providencial das manifestações espíritas. – Médiuns. – Escolhos dos médiuns. – Qualidades dos médiuns. – Charlatanismo. – Identidade dos Espíritos. – Contradições. – Conseqüências do Espiritismo.

Capítulo III: *Solução de alguns problemas pela Doutrina Espírita*. – Pluralidade dos mundos. – A alma. – O homem durante a vida terrena. – O homem depois da morte.

No prelo, para aparecer em 1^o de agosto:

O Céu e o Inferno, ou *A Justiça Divina segundo o Espiritismo*, por Allan Kardec. 1 grosso vol. in-12. Preço: 3 fr. 50c.; pelo correio: 4 fr.

A Vida de Germaine Cousin, de Pibrac, bem-aventurado na caridade, dada mediunicamente por ela própria à Srta. M. S., num grupo familiar. Brochura in-12. Preço: 1 fr.; pelo correio: 1 fr. 10c. Toulouse, nas principais livrarias.

A vida de Germaine Cousin é, ao mesmo tempo, edificante e dramática, mas, também, eminentemente interessante pelos numerosos fatos mediúnicos que encerra, e que, sem o Espiritismo, seriam inexplicáveis ou maravilhosos. Os fenômenos, dos quais somos testemunhas em nossos dias, provam pelo menos a sua possibilidade. Todas as pessoas que não tenham uma idéia

preconcebida da negação e, sobretudo, os espíritas, lerão essa brochura com interesse.

União Espírita Bordelense. Bordeaux contava quatro publicações espíritas periódicas: *La Ruche, le Sauveur, La Lumière e la Voix d'Outre-tombe*. Como *La Lumière e le Sauveur* estavam sob a mesma direção, na realidade havia apenas três, que acabam de fundir-se numa única publicação, sob o título de *União Espírita Bordelense* e sob a direção do Sr. A. Bez, diretor da *Voix d'Outre-tombe*. Cumprimentamos esses senhores pela medida que adotaram e que os nossos adversários se equivocariam se a tomassem como indício de decadência da doutrina. Fatos muito mais concludentes aí estão para provar o contrário.

Os materiais do Espiritismo, embora muito numerosos, rolam num círculo mais ou menos uniforme; daí a falta de variedade suficiente e, para o leitor que os queria receber a todos, uma carga muito onerosa, sem compensação. A nova folha bordelense só poderá ganhar com esta fusão, em todos os pontos de vista, e fazemos votos por sua prosperidade. Lemos com prazer, nos primeiros números, uma ótima refutação aos artigos do Sr. *Fumeaux* sobre a iniquidade e os flagelos do Espiritismo, bem como um interessantíssimo relato de uma nova cura em Marmande. (Ver a seguir em obras diversas).

Ária e letra compostas pelo rei Henrique III, em 1574, e reveladas num sonho em 1865 ao Sr. N. C. Bach; Legouix, editor, 27, boulevard Poissonnière, Paris. Preço marcado: 3 fr.

Allan Kardec